

# Arqueologia & História

volume nº 60-61 | 2008-2009

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



*Materials para  
um Livro Branco  
da Arqueologia  
Portuguesa*



# Os “copos canelados” vistos desde o século XXI: características, distribuição e novas perspectivas de estudo<sup>1</sup>

Gonçalo de Carvalho Amaro<sup>2</sup>

*«Although in popular usage ceramics denotes materials made of clay, modern science applies the term far more broadly to chemical compounds (...).»*

(Rice, 2005: 3)

*«The artisan, of course, knows what he is making and works to clear standars of perfection. He may be less than clear, however, about the methods by which his results are achieved (...).»*

(Ingold, 2005: 295)

<sup>1</sup> Comunicação apresentada à Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses no dia 22 de Novembro de 2007.

<sup>2</sup> Professor da carreira de Arqueologia da Universidade SEK (Santiago do Chile) e professor do programa PENTA da Pontificia Universidade Católica do Chile.

## 1. Introdução – de antecedente cronológico a antecedente morfológico

Os copos canelados começam a ser mencionados, pela primeira vez, em meados do século XX, após a descoberta de Vila Nova de São Pedro. Este artefacto, em conjunto com outras cerâmicas de pastas finas e também de decoração brunida e canelada, despertou a atenção dos escavadores no local mas também de investigadores estrangeiros, pois tratava-se de um tipo de cerâmica que não fazia parte do horizonte pré-campaniforme de Los Millares e da cultura Calcolítica *almeriense*. As qualidades destas peças deram-lhe, nos anos áureos do difusionismo, o epíteto de “cerâmica de importação”, relacionando-se com populações colonas oriundas do Oriente. Paulatinamente, essas teses foram-se esbatendo, contudo, os “copos” continuaram associados à primeira ocupação do Calcolítico e mesmo à construção das fortificações nos povoados, enquadrando-se no horizonte de Vila Nova I (Paço, 1959). A partir desse pressuposto, os “copos” têm-se mantido até à data como um “fóssil director” do Calcolítico da Estremadura, correspondendo ao primeiro período de ocupação, isto é, horizonte I (Calcolítico Inicial), seguido do horizonte II (cerâmica decorada com folha de acácia, Calcolí-



Fig. 1 “Copo” da Serra de Mutelas um provável missing link entre o copo canelado e o vaso campaniforme (Fotografia Michael Kunst).

tico Pleno) e horizonte III (cerâmica campaniforme, Calcolítico Final).

À semelhança do que tem sucedido na maior parte dos países europeus, em Portugal a investigação sobre cerâmica calcolítica tem se centrado sobretudo nas peças campaniformes. Analisando a bibliografia sobre o tema, verifica-se apenas um trabalho de arqueometria (Blance, 1959), um trabalho que tenta definir a delimitação regional destas peças (Bubner, 1973) e um trabalho de fundo, com proposta tipológica, sobre a presença dos “copos” num povoado (Ferreira, 2003). Não obstante, trabalhos recentes sobre cerâmicas campaniformes identificaram uma maior incidência da percentagem total destes vasos na região litoral centro de Portugal (Estremadura), perspectivando-se, assim, como uma forte hipótese a teoria de que a sua origem seria esse mesmo local (Salanova, 2000 e 2002), bem como a possibilidade de que estas formas tivessem um antecedente conceptual autóctone (Kunst, 2005); em 1971, Beatrice Blance referiu o “copo canelado” como um antecedente plausível do vaso campaniforme<sup>3</sup> (1971: 115). Com o trabalho de Salanova, estas peças voltam então a assumir um papel relevante no contexto pré-campaniforme, sendo necessário voltar a revê-las e também repensar alguns conceitos aparentemente estabelecidos, mas fundamentalmente enriquecer o conhecimento sobre as mesmas e acrescentar novos dados à informação que apenas se cinge às características morfológicas e tipológicas.

## 2. Breve descrição da evolução do estudo dos copos canelados

Numa época em que as escavações e o conhecimento arqueológico, na Península Ibérica, eram raros, a descoberta destes lugares “imponentes”, como Pedra do Ouro, Vila Nova de São Pedro e Los Millares (Zambujal, El Barranquete, Cerro de la Virgen estavam encobertos e Leceia olvidado), levou à criação de um novo período entre o Neolítico e

<sup>3</sup> Neste sentido destacam-se inclusivamente algumas formas “intermedias” entre copos canelados e vasos campaniformes. Os casos mais conhecidos seriam os das peças de Serra de Mutelas (Ver figura 1), do dolmen de Motum (Melides) do hipogeu de Quinta do Anjo (Palmela) hipogeu de Quinta das Lapas (Torres Vedras). Ver Cardoso, (2004: 131).

a Idade do Bronze, primeiro Eneolítico, depois Calcolítico, caracterizando-se, na altura, estes locais como colónias ou feitorias de populações do mediterrâneo oriental (Jorge, S., 1998: 69). A ausência de datações radiocarbónicas e a presença destas fortificações num contexto em que se conheciam fundamentalmente cocheiros do Mesolítico e habitats do Neolítico Inicial e Médio contribuíram para a ideia de *Ex Oriente Lux*.

Neste quadro, os “copos canelados” adquirem alguma relevância, por representarem a cerâmica dos primeiros colonos construtores dos povoados e representantes do respectivo horizonte cultural, o horizonte I de Vila Nova de São Pedro (Jalhay y Paço, ([1943]1971). Assim os definiu Afonso do Paço, que durante vários anos escavou em Vila Nova de São Pedro:

«(...) recipientes de fundo ligeiramente abaulado e paredes laterais abrindo docemente em forma de tulipa. Estas paredes laterais apresentam às vezes na parte superior, e também na inferior, sulcos horizontais de um brunido de ligeiríssima profundidade (...). Outras vezes (...) são decorados com desenhos em zigzag ou enxadrezados»

(Paço, 1954: 72)

A qualidade desta cerâmica, muito resistente e depurada, em comparação com as comuns peças pré-históricas, levou, como já referimos, a que se considerassem peças exógenas. Tendo em conta que, na maior parte dos casos, durante os anos 30 a 70, o conhecimento e investimento por parte dos governos ibéricos, em Pré-História, era raro. É sem surpresa que vemos as primeiras informações e teorias sobre as mesmas peças por parte investigadores estrangeiros, fundamentalmente ingleses<sup>4</sup> e alemães<sup>5</sup>; de um modo geral, os estudiosos portu-

<sup>4</sup> Gordon Childe (1939) e Stuart Piggott (1947), que compararam as cerâmicas caneladas Neolítico inglês (*channelled ware*) com as portuguesas. Mais tarde Blance (1961) e Savory (1983/84) encontraram paralelos com as cerâmicas do Próximo Oriente.

<sup>5</sup> Como Sangmeister que, depois de ter escavado uma campanha em Vila Nova com Afonso do Paço, introduziu o termo de “cerâmica de importação” – *Importkeramik*, vislumbrando afinidades com peças do período arcaico da civilização egeocretense (Paço e Sangmeister, 1956) e depois com V. Leisner (1961), que chegou a afirmar que a desembocadura do Tejo foi uma porta para os “colonos” do oriente, prospectores metalúrgicos que vinham em busca de cobre por terras ibéricas.

gueses seguiam as suas teorias (em grande medida porque não tinham uma sólida formação académica na área – eram essencialmente curiosos na matéria, provenientes das mais diversas carreiras).

A crescente importância que esta cerâmica ia adquirindo levou a que, no ano de 1959, Beatrice Blance tentasse um estudo mais aprofundado destes artefactos, pedindo ao Professor Frenchen, do Museu da Universidade de Bonna, que analisasse as pastas. A análise baseou-se na observação microscópica da mineralogia presente em fragmentos provenientes de Chibanes, Vila Nova S. Pedro, Pragança e Rotura – na maioria cerâmica canelada. Frenchen comprovou que todas continham sienito e traquenito, minerais comuns a Noroeste de Lisboa – zona do Cabo da Roca. Blance conclui, assim, que estas peças tinham uma fabricação local, provavelmente elaboradas com argilas da região de Sintra, contudo, a tecnologia que implicava a sua produção, e mesmo as próprias mãos que as moldavam seriam provenientes do Mediterrâneo oriental (Blance, 1959: 463).

Com os finais da década de 60, iniciaram-se várias escavações noutros grandes povoados fortificados da Estremadura. Nas duas décadas seguintes, o número de sítios arqueológicos e publicações aumenta: Zambujal (Schubart, Sangmeister, e Trindade, 1966), Columbeira (Shubart, Ferreira e Monteiro, 1969), Pedra do Ouro (Shubart, 1969) e Leceia<sup>6</sup> (Cardoso, 1983/84) a Norte do Tejo, Pedrão (Silva e Soares, 1975), Chibanes (Silva e Soares, 1975) e Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987) – este já fora da região da Estremadura – a Sul do Tejo. Simultaneamente, descobrem-se outro tipo de povoados, uns com muros menos complexos e de menor dimensão, dos quais se destaca Penedo do Lexim (Arnaud e Gamito, 1972), outros abertos, como o Alto do Dafundo (Gonçalves e Serrão, 1978). O aumento de sítios, achados e de campanhas de escavação, não só na Estremadura, senão que por todo o país, conjugados com a aplicação

<sup>6</sup> Em Leceia as escavações sistemáticas só começaram nos anos 80, apesar de, anteriormente, o sítio já ter sido intervencionado por Carlos Ribeiro, no século XIX. O mesmo sucedeu no Zambujal, embora com uma diferença cronológica inferior, onde as escavações sistemáticas se iniciaram nos anos 70, apesar de ter existido uma curta campanha de Leonel Trindade e Rui Belo em 1959.

do radiocarbono e outros processos para datar contextos<sup>7</sup>, levaram a que se iniciassem novas formas e teorias para explicar o Calcolítico.

Passa então a ser comumente aceite que as comunidades autóctones do Neolítico, através de um processo gradual e progressivo, fruto de um desenvolvimento originado, por exemplo, pela revolução dos produtos secundários (Sherrat, 1987), e de um aumento da produção agrícola; auxiliados agora pela tracção animal e o arado (conhecidos desde o Neolítico Final no actual território português (como o comprova Mário Varela Gomes (1991:37) por meio das gravuras encontradas no santuário exterior do Escoural, em Montemor-o-Novo, Alentejo), ou então por via de um desenvolvimento a largo prazo, que viria desde o Paleolítico – a economia do sílex (Rámos-Millan, 1988).

Todo este processo de desenvolvimento em torno da Arqueologia fez com que certos termos fossem substituindo os antigos. Assim, a “cerâmica de importação” foi substituída por “cerâmica canelada”, ou cerâmica com decoração brunida (*Keramik mit Einglattmustern*), proposta por Sangmeister e Schubart (Kunst, 1995: 260).

Apesar da substituição das teses difusionistas pelas evolucionistas, o primeiro trabalho, realizado em Portugal, sobre os “copos” e a restante cerâmica canelada – mesmo com algumas datações por carbono 14 em contextos peninsulares – mantém a ideia da proveniência oriental, afirmando que:

«A cerâmica de importação alastrou pelas fachadas meridional e ocidental da Europa, numa marcha para Occidente com principais centros de produção/ utilização em: 1- Ilhas do Mar Egeu; 2- Ámeria, Los Millares; 3- bacia do Guadalquivir; 4- bacias do Tejo e Sado e bacias costeiras estremenhas»

(Bubner, 1979: 40)

Não obstante este aspecto, o trabalho de Maria Amélia Bubner traz algumas novidades: analisa várias formas de cerâmica canelada (não fica apenas

<sup>7</sup> Estes processos provaram que, na maior parte dos casos, as fortificações peninsulares eram mais antigas que as supostas cidades do Egeu, consideradas como fonte de origem. Também se pôde comprovar que a metalurgia era conhecida na Península antes da construção dos povoados fortificados (Montero-Ruiz, 1996 e Cardoso, 2002: 260 e Silva, 1990: 53).

pelos “copos”) e faz uma integração destes artefactos em vários contextos, conjugando povoados com monumentos funerários, contudo, restringe o seu labor aos materiais que se encontravam, à data, no Museu Nacional de Arqueologia<sup>8</sup>. No seu trabalho podemos ver, fruto também do já referido aumento de escavações ocorridas nos anos 70, um limite regional onde surgem os “copos canelados” e restante cerâmica canelada e brunida: «a cerâmica de importação típica encontra-se numa área litoral, limitada a Oeste pelo Atlântico, a Norte pela corda Candeeiros-Aire, a Leste pelo Tejo, a Sul pelo estuário do Sado» (Bubner, 1979: 41). A autora refere ainda que no Alentejo se encontram uns copos, em alguns dólmenes, com formas similares aos canelados, um pouco mais pequenos e com uma pasta e decoração<sup>9</sup> totalmente distintas (Bubner, 1979: 40).

É precisamente sobre estas peças que surge a mais forte explicação evolucionista para os copos canelados, assente no facto de que estas formas cilíndricas já existiriam no megalitismo Neolítico português, assim o defendia Carlos Tavares da Silva:

«As principais formas cerâmicas dos povoados do Neolítico final prolongam-se pelo período seguinte; somente uma dessas formas – a taça carenada – tende para desaparecer, sendo substituída pelo prato de bordo espessado. Mesmo os copos canelados do Calcolítico da Estremadura, elementos sobrevalorizados nas teses difusionistas e principais componentes da *Importkeramik*, possuem protótipos no reportório cerâmico do nosso Neolítico final. Refiram-se dois exemplos: o “copo” carenado proveniente do chamado “estrato vermelho” da Lapa do Fumo, datado de 5 040 ± 160 B.P., e o “copo” carenado, decorado por duas croças, que poderão constituir representações de bâculos, encontrado na anta EY de Montemor-o-Novo»

(Silva, 1993: 198)

<sup>8</sup> Materiais que provinham de 10 locais: Outeiro da Assenta, Outeiro de São Mamede, Furadouro de Rochaforte (a peça deste sítio parece ser da Idade do Bronze), Pragança, Gruta do Vale da Lapa, Quinta das Lapas, Serra de Éguas, Casal de Vila Chã (Carenque), Casal do Pardo (Quinta do Anjo) e Chibanes.

<sup>9</sup> Decoração composta por dois bâculos em simetria ou, na minha opinião, uma representação de uma cara, com as sobrancelhas bem marcadas.

Nos anos 80 a arqueologia portuguesa passou, finalmente, a ser dominada pelos arqueólogos nacionais, desenvolvendo-se também a disciplina nas Universidades lusas (Jorge, V., 1998: 14). A emancipação dos arqueólogos portugueses, como geralmente ocorre em situações em que é necessária uma imposição de poder (neste caso, saber), implicou um corte com o passado, esse corte implicou a oposição difusionismo/evolucionismo, mas também a negação de alguns trabalhos contemporâneos de autores estrangeiros, como o caso de Michael Kunst (1987) e de Konrad Spindler (1976 e 1981).

Começa então a organizar-se o Calcolítico do seguinte modo, tendo a cerâmica como principal fósil indicador<sup>10</sup>, definidor de 3 horizontes: “copos canelados”, Calcolítico Inicial; cerâmica com decoração em crucíferas e folha de acácia, Calcolítico Pleno e cerâmica campaniforme, Calcolítico Final: «(...) copos canelados, folha de acácia e campaniforme assumiram-se como valores absolutos para datações relativas e interpretações culturais» (Sousa, 1998: 27).

No quadro dos defensores desta organização cronológica estão: Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, João Luís Cardoso e Victor Gonçalves. Se bem que o último não segue propriamente a ideia de que os “copos” tivessem um desenvolvimento local – defendida pelos restantes –, deixando-o bem claro na sua tese de doutoramento. Apesar de não ser um entusiasta do difusionismo, Gonçalves propõe para estes um surgimento muito ao estilo de Blance (1959), isto é, crê, para esta cerâmica, provavelmente uma origem exterior; basicamente no âmbito de “cópia do modelo”, sendo a oriental (Egeu) a mais plausível, pela temática decorativa:

«Este grupo de questões, que não me parece de menor importância, tem respostas ainda incompletamente fundamentadas, mas as possíveis parecem já suficientemente significativas para que possamos aceitar os copos como uma “moda” cerâmica, não correspondendo a funções essenciais, fabricada localmente, com alguma probabilidade a partir

<sup>10</sup> Apesar da tese de doutoramento de Michael Kunst ter apresentado que, para o Zambujal, esta cronologia não se apresenta assim tão linear (Kunst, 1996).

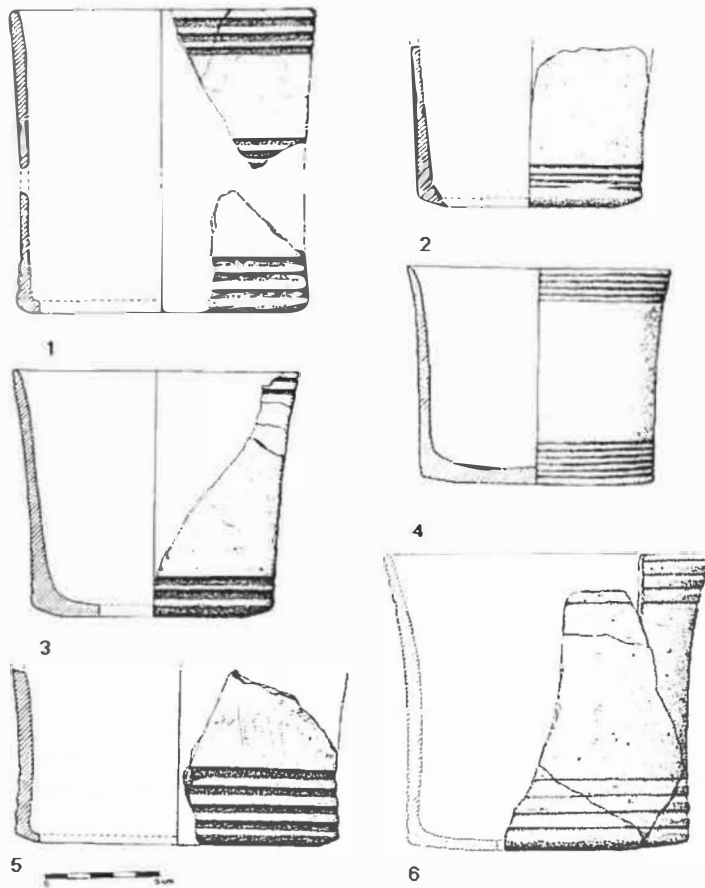
de protótipos importados, em áreas correspondendo a eventuais desembarques de comerciantes exógenos»

(Gonçalves, 1989: 451)

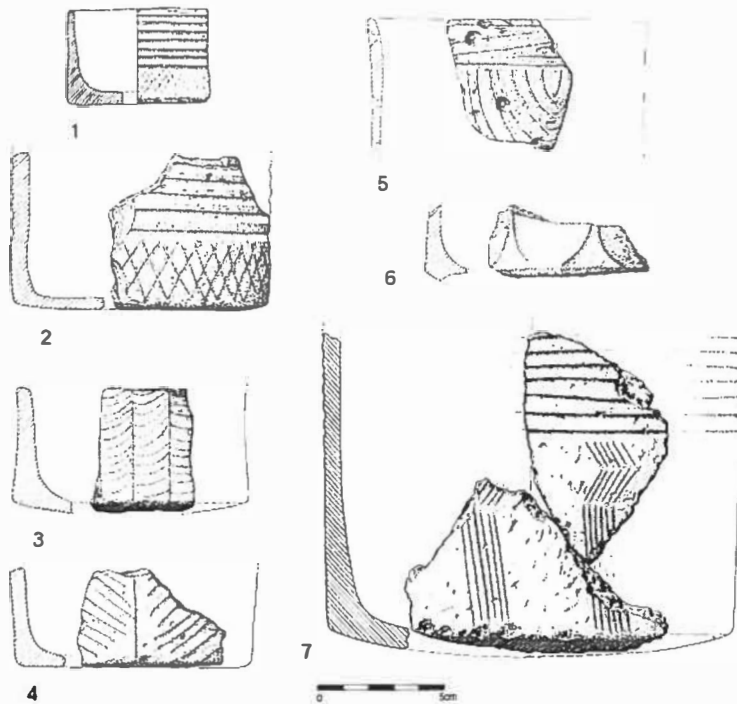
O estudo necessário sobre as características e as formas destes artefactos, tão peculiares, surge já no século XXI, publicado em 2003 por Sónia Duarte Ferreira e dedicado, em exclusivo, aos “copos canelados” de Vila Nova de São Pedro. Trata-se, sobretudo, de um estudo tipológico que incide sobre a sua variedade de formas, dimensões, pastas e decorações. No que diz respeito à interpretação, a autora não fecha a porta à ideia de importação, que aliás parece defender. Não obstante, introduz um aspecto, que considero interessante e inovador – defende que os padrões decorativos dos “copos” poderiam ser prováveis identificadores tribais, à semelhança do que sucede com os padrões dos panos de Timor ou da Escócia (Ferreira, 2003: 223).

### **3. Os Artefactos – breve descrição das características dos copos canelados**

Os copos canelados são recipientes cerâmicos, genericamente caracterizados por um corpo de forma cilíndrica ou troncocónica invertida, com paredes aparentemente rectas e uma tendência para a inclinação para o exterior, de forma mais ou menos acentuada. Regra geral, os diâmetros do bordo e do fundo apresentam uma medida muito similar, denotando-se um leve estreitamento na região do corpo. O fundo é por norma ligeiramente convexo, criando uma espécie de baixa carena, e por vezes plano, enquanto que os bordos são extrovertidos ou verticais. O tamanho é bastante variável, sendo que as peças podem ir dos 150 ml até aos 800 ml; a maioria estaria pelos 600 ml. A decoração é igualmente um aspecto fundamental para definir estes artefactos. As caneluras, incisões e brunidos são os processos mais utilizados, criando vários motivos: linhas paralelas e verticais sob a forma de incisões ou caneluras; zig-zags paralelos organizados na horizontal ou na vertical; zig-zags paralelos horizontais ou verticais, mas cuja presença de linhas organiza o motivo em franjas horizontais ou verticais de traços oblíquos,



**Fig. 2** Copos canelados com a característica decoração canelada em linhas horizontais paralelas. Peças 1, 3, 4 e 6 de Vila Nova de São Pedro (Ferreira, 2001); 5 de Casal do Pardo/Quinta do Anjo (Soares, 2003) e 2 de Leceia (Cardoso, 2006).



**Fig. 3** Alguns dos motivos decorativos presentes nos copos canelados. Peças 1, 4, 5 e 6; Leceia (Cardoso, 2006), 2; Outeiro de São Mamede (Cardoso e Carreira, 2003) e 3; Vila Nova de São (Ferreira, 2003).

Tema decorativo	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Não identificado	25	3,0	3,0
Zig-zag	85	10,1	13,0
Xadrez	15	1,8	14,8
Espinha	53	6,3	21,1
Semi-esprial	19	2,3	23,4
Metopa	82	9,7	33,1
Semi-circular	5	0,6	33,7
L. horizontais todo corp.	51	6,0	39,7
L. horizontais sem deter.	158	18,7	58,5
L. horizontais compartim.	327	38,8	97,3
Outro	23	2,7	100,0
<b>Total</b>	<b>843</b>	<b>100,0</b>	

**Tabela 1** Frequências e percentagens dos temas decorativos dos copos canelados estudados em 13 arqueossítios da Estremadura.

formando um motivo espinhado; semicírculos concêntricos; serpentiformes; axadrezado ou reticulado; linhas oblíquas e motivos em forma de metopa.

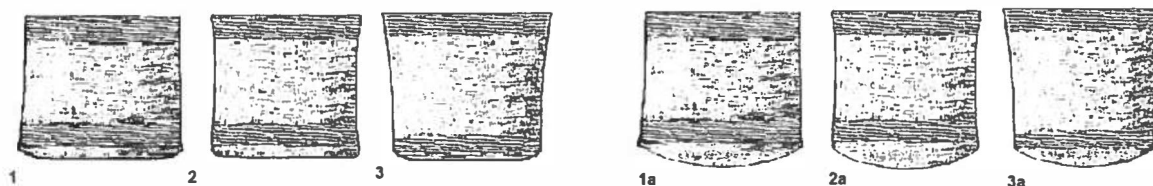
No que diz respeito à tipologia, cremos que a proposta de Sónia Ferreira (2003) é demasiado perfeccionista, tendo em conta a análise de peças muito fragmentadas e tendencialmente irregulares, devido ao seu processo de manufactura. Na nossa opinião, estas peças podem perfeitamente ser divididas, essencialmente, em 3 tipos:

1. Forma troncocónica; existe uma tendência para o estreitamento gradual desde o fundo até o bordo, estreitamento que geralmente é leve.
2. Forma truncada; existe um estreitamento da peça na região mesial e um alargamento junto ao bordo e fundo, que apresentam diâmetros similares, por vezes o diâmetro do bordo é superior.
3. Forma troncocónica invertida; existe uma tendência para o estreitamento gradual desde o bordo até ao fundo, não obstante, e ao contrário do que ocorre com a primeira forma, neste caso o es-

treitamento é ligeiramente acentuado.

#### 4. Os copos canelados e a Estremadura

A área da Estremadura apresenta uma percentagem considerável de lugares do Neolítico Final e Calcolítico, apesar de uma cifra quase maioritária se encontrar, na actualidade, desaparecida ou destruída – Alto do Dafundo, Parede, Carnaxide, assim como praticamente a totalidade de sítios localizados no concelho de Lisboa, inventariados, em 1979, por João Ludgero Gonçalves. Todavia, dos que “sobreviveram” são poucos os que apresentam datas e estratigrafias concretas, dentro dos respectivos, o espectro com “copos” é relativamente baixo. Identificar todos os lugares que apresentam “copos” não é uma tarefa fácil, isto porque devemos ter em conta que muitos dos materiais, provenientes de escavações de inícios do século XX, se encontram desaparecidos; para além de que se verifica, igualmente, uma desorganização de dados e constante repetição de erros de autor em autor – fruto de más descrições e desenhos das peças encontradas.



**Fig. 4** As três formas presentes nos copos canelados. À direita, com fundo recto e à esquerda, com fundo côncavo.

Propusemo-nos estudar unicamente a tradicional região da Estremadura<sup>11</sup>, em parte porque já esperávamos que os “copos canelados” se circunscrevessem a essa zona, factor que não nos impediu de procurar outras partes<sup>12</sup> e, efectivamente, podemos afirmar que, apesar de aqui e ali existirem algumas parecenças, como por exemplo, o caso de alguns vasos da cerâmica tipo Penha, os copos canelados típicos – com decoração canelada, geralmente com motivos em linhas horizontais paralelas, motivos em metopa, ziz-zag e etc., de pastas finas e depuradas, conhecidos fundamentalmente pelas publicações de Afonso do

<sup>11</sup> A região da Estremadura (cujo nome surgiu pela primeira vez em 1299, com D. Dinis) abarca tradicionalmente os distritos de Leiria, Lisboa e Setúbal (podendo também incluir-se um pedacito do distrito de Santarém), agrupando praticamente todo o litoral centro de Portugal; a definição da circunscrição regional ou provincia da Estremadura sofreu ao longo do tempo alterações, sendo uma das regiões mais antigas do território português (Ribeiro, 1995: 187-188). A inclusão da margem Sul do Tejo na Estremadura ocorreu relativamente tarde, no século XIX, começando a utilizar-se, para essa área específica, localizada a Sul do Tejo, a expressão de *Estremadura transtagana* (Id., *ibid.*) que, no entender de Orlando Ribeiro, faz todo o sentido em pertencer à provincia do centro litoral de Portugal, sobretudo pelas suas condicionantes físicas, em tudo semelhantes às do Norte do Tejo.

<sup>12</sup> M. Bubner delimita os “copos canelados” fundamentalmente aos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal, demarcando-os de outro tipo de vasos cilíndricos – nomeadamente dos encontrados nos dólmenes alentejanos (1979: 40). Contudo, nos finais da década de 90, inícios do novo milénio, Ana Catarina Sousa (1998) e Sónia Ferreira (2003) expandiram a presença destes materiais ao Sul de Portugal e ao Sul de Espanha, fundamentadas na análise bibliográfica das publicações de Carlos Tavares da Silva, (1993: 198) sobre os dólmenes do Alentejo, o de Miguel Lago sobre o povoado dos Perdígões, também no Alentejo (1998), Victor Gonçalves no Algarve (1989: 278) e de Camalich, Martín e Arco (1984) na região de Huelva, Victor Hurtado em Badajoz (1995), Carrillero e Suárez (1995) e Leisner, (1961) em Almeria.

No entanto, se se realiza uma análise mais detalhada e cuidadosa, pode verificar-se que, apesar das aparentes similitudes formais, estes “copos” não apresentam as mesmas características dos seus congéneres estremenhos; não demonstrando, inclusivamente, aspectos básicos presentes nos “copos canelados”, como a decoração canelada, o brunido das superfícies e a pasta fina e depurada. Por outro lado, se de facto se efectuar uma procura mais alargada da possível difusão destes artefactos para lá das fronteiras do litoral centro lusitano, podemos encontrar casos com parecenças mais evidentes que os ulteriormente referidos: os vasos cilíndricos de Loma de Belmonte, em Almeria (Leisner, G., e Leisner V., 1951: estampa B) e os vasos troncocónicos do castro da Penha, em Guimarães (Cardoso, 2002: anexo XXX); mas, mesmo nestes casos, são notórias as diferenças de concepção do vaso. Em ambos os casos, a forma diverge dos corpos troncocónicos e truncados dos copos canelados, sucedendo o mesmo com a decoração; no primeiro caso é pintada, e no segundo trata-se de caneluras ou incisões mais profundas que as mais comuns, presentes nos “copos”.

Na nossa opinião, os “copos canelados”, os típicos, descritos por Paço nos anos 40, que surgem nos grandes povoados fortificados, compõem uma “identidade” própria que, efectivamente, se pode dizer que está circunscrita à Estremadura portuguesa. O estudo efectuado em exemplares de 13 arqueosítios permitiu verificar uma evidente coerência formal e decorativa entre os vários artefactos e sítios.

Paço nos anos 40 e 50 – podem ser considerados como artefactos exclusivos do litoral centro português.

Para este trabalho, localizámos (na região determinada) 33 locais com “copos canelados”, estando, na maioria, dispostos pela margem Norte do Tejo e principalmente nos concelhos de Sintra e Torres Vedras, no Noroeste do distrito de Lisboa. A minoria localiza-se na margem Sul do Tejo, localizados nos concelhos de Palmela e Sesimbra, a Norte do distrito de Setúbal. Nestes locais destacam-se, sobretudo, as ausências em Pedra do Ouro, Rotura, Castro da Fórnea e Pragança. Pedra do Ouro enquadra-se nos “típicos” povoados fortificados do Norte do Tejo, como Zambujal, Vila Nova S. Pedro e Leceia, se bem que sem a monumentalidade destes últimos, situa-se igualmente junto ao curso de um rio, observando o Atlântico, mas a sua cultura material apenas indica a presença de cerâmicas campaniformes e um ou outro fragmento da Idade do Bronze (Shubart, 1969: 199). Por outro lado, a Rotura apresenta-se como o maior povoado da península de Setúbal, também com linhas de muralha, com a presença de taças hemisféricas decoradas com caneluras, mas curiosamente sem “copos” (Soares e Silva, 1975: 152). No terceiro caso – Castro da Fórnea – a sua importância não está relacionada com as características arquitectónicas do povoado, mas sim com a sua localização numa área onde abundam arqueosítios com “copos”, como é a região de Torres Vedras. Ali, e tal como sucede na Rotura, pode-se verificar, nas camadas mais antigas, as célebres taças hemisféricas, com decoração canelada e cerâmicas lisas de borde espessado, apesar de João Ludgero Gonçalves referir a existência de um fragmento canelado, similar a um “copo” (Gonçalves, J., 1994: 139), contudo, o desenho apresentado, na mesma publicação, deixa muitas dúvidas. O último exemplo, Pragança, representa um povoado de dimensões consideráveis, onde, tal como nos outros (com excepção de Pedra do Ouro), a cerâmica decorada com caneluras, sobretudo as taças hemisféricas, estão presentes com alguma frequência, não obstante, não existe qualquer relato de fragmentos de “copos”.

Sítio Arqueológico	Povoado fortificado	Povoado	Gruta	Hipogeo	Tholoi	Indeterminado	Total Geral
<b>NORTE DOTEJO</b>							
Amadora		2		1			3
Azambuja	1						1
Bombaral	1	1					2
Cadaval			1				1
Cascais		1		1		1	3
Lourinhã					1		1
Óbidos		1					1
Oeiras	1	2					3
Sintra	2			1	2	1	6
T. Vedras	3		2				5
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>26</b>
<b>SUL DOTEJO</b>							
Almada				1			1
Palmela				1			1
Setúbal	1						1
Sesimbra	1		1				2
<b>Total</b>	<b>2</b>		<b>1</b>	<b>2</b>			<b>5</b>
<b>Total Geral</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>31</b>

**Tabela 2** Distribuição dos “copos canelados” por tipo de sítio e por localização geográfica.

Nos casos estudados existe uma superioridade de lugares de assentamento, como habitats e povoados fortificados que, juntos, representam 18 casos, enquanto que os sítios de carácter funerário representam 11<sup>13</sup>. Não se trata de uma grande diferença, contudo, esta acaba por se agudizar no sentido em que o número de “copos” é claramente superior nos lugares de assentamento.

Entre estes 33 locais existe uma evidente heterogeneidade, basicamente porque se identificam funções distintas; uma função cognitiva ou mágico-religiosa num caso e, no outro, uma função quotidiana ou habitacional. Sem embargo, dentro destes dois casos podemos ainda encontrar outro tipo de diferenças, como a variabilidade da organização do espaço, a arquitectura, a imponência, o simbolismo, etc.

As necrópoles são, sem dúvida, a situação mais difícil de analisar, sobretudo pela existência de uma contextualização estratigráfica turva ou inexisten-

te. Por exemplo, nas grutas, o seu uso continuado ao largo dos tempos foi alterando e misturando o contexto arqueológico, fenómeno que também se estendeu, de alguma forma, às grutas artificiais ou hipogeus, não obstante, estes locais, tal como os *tholoi*, sofreram outro tipo de estorvos; provavelmente devido à sua monumentalidade, despertaram a atenção desde muito cedo, sendo objecto de violações de ávidos buscadores de tesouros e de escavações arqueológicas de método duvidoso, nem sempre justificados pelos alvares do século XX.

Por outro lado, os povoados permitem-nos obter uma maior e melhor informação, fundamentalmente os de grande dimensão e de arquitectura monumental, onde os artefactos em estudo surgem numa percentagem interessante. O principal problema em relação a estes sítios prende-se com a evidente variabilidade que apresentam. À excepção de Zambujal, Leceia e Vila Nova de S. Pedro, nos outros encontramos pouca homogeneidade; existem povoados com muralhas (Penedo do Lexim, Columbeira), outros “desprotegidos” (Serra

<sup>13</sup> De referir que três dos sítios identificados foram classificados como indeterminados, não entrando, por consequência, na contabilidade dos povoados ou monumentos funerários.

de Eguas, Alto do Dafundo), uns em zonas de difícil acesso, com condições naturais de defesa (Penedo, Castro de Sesimbra), outros em zonas de boa acessibilidade (Alto do Dafundo, Parede), mas, atenção, a maior dificuldade de comparação advém dos problemas relativos à definição dos períodos de ocupação. Neste aspecto, os três sítios anteriormente referidos são de facto singulares, nenhum outro nos garante a existência concreta de um padrão de continuidade estratigráfica calcolítica – alguns iniciam no Neolítico e terminam justamente com o horizonte da “cerâmica canelada” (Parede), outros, por sua vez, só identificam uma ocupação desse mesmo horizonte do Calcolítico Inicial (Alto do Dafundo, Columbeira), são ainda frequentes os casos de povoados com uma ocupação do Calcolítico Inicial e Médio que, interrompida no campaniforme, passa directamente para o Bronze (Penedo do Lixim, Outeiro de São Mamede).

##### 5. O surgimento dos copos canelados – algumas propostas

Como se pôde verificar com o decorrer deste texto, na sua maioria estes artefactos foram associados a influência exterior (migrações de povos, contactos com objectos extrínsecos, circulação de ideias, etc.). A decoração foi o aspecto que mais se relacionou com uma hipotética proveniência exterior; comparando-se os zig zags e as caneluras com as decorações de cerâmicas do mediterrâneo oriental de datas posteriores, como por exemplo as das píxides das ilhas Cíclades (Ferreira, 2003: 219). No entanto, já que se compara por comparar não é necessário ir tão longe, como já referimos. Temas similares surgem noutros pontos da Península, como no Castro da Penha, Guimarães e na cerâmica pintada de Almeria, sendo que nestes casos se trata, pelo menos, de “horizontes contemporâneos”, isto é, do Calcolítico Inicial.

Somente encontramos em artigos de Carlos Tavares da Silva um exposto distanciamento dos paradigmas difusionistas “colados” a estes artefactos, procurando um antecedente ibérico para os copos canelados, dando os já referidos exemplos das peças “neolíticas”, de formas semelhantes, do dolmen EY de Montemor-o-Novo e o da Lapa do Fumo; so-

bretudo este último, que estaria inserido no *estrato vermelho*, datado de inícios do IV milénio a.n.e (Silva, 1993: 198). Estas peças, de aparência mais rude que o copo canelado típico, de paredes grossas e geralmente com decoração plástica ou inclusivamente sem decoração, estão efectivamente documentadas, sobretudo em antas e grutas, mas também se podem encontrar em grutas artificiais/hipogeus e povoados em vários pontos do Centro Sul peninsular. Temos os conhecidos exemplos das grutas de São Pedro do Estoril (Cascais), São Paulo (Almada), Furadouro de Rochaforte, Vale da Lapa (Cadaval), Carenque (Amadora), Praia das Maças e Serra de Éguas (Sintra), no Centro; os dos dolmens de Gorginos 1, Gorginos 2, Olival da Pêga e Herdade do Cebolinho 4 (Évora), dólmens da Ordem, Coureiros, Bola da Cera e Pombais (Portalegre) no Centro Sul e, finalmente, Casa Branca 7 (Serpa), Corte João Marques e Santa Justa (Faro)<sup>14</sup>, no Sul; só para referir alguns dos principais sítios ao longo do país. No outro lado da fronteira, em Espanha, o fenómeno parece ter continuidade, conhecendo-se igualmente vasos cilíndricos entre as fases finais do Neolítico e os alvares do Calcolítico. Numa passagem pela extensa e completa obra dos Leisner, *Die Megalithgraber der Iberisch Halbinsel* podemos encontrar formas idênticas às portuguesas em vários pontos, com um maior ênfase para o Sul e Sudoeste – destacamos as regiões de Almeria e Sevilha (Leisner G., e Leisner, V., 1951) sobressaindo, destes lugares Los Millares<sup>15</sup>; também em zonas mais pro-

<sup>14</sup> As figuras, desenhos ou fotografias destes artefactos podem ser vistas nos trabalhos de Cardozo (1971: 250) Leisner V. (1965: anexos 67 a 101), Gonçalves V. (1992: 94-127), Barros e Espírito Santo (1997: 22), Gonçalves J. (1990: 92) Leisner G. e Leisner, V. (1951: 97-99) (Oliveira 1997: 415-431) (Lopes, Carvalho e Gomes, 1998: 175) e Gonçalves, V. (1989: 279) respectivamente.

<sup>15</sup> Em Maio de 2006 tive a oportunidade de estudar alguns exemplares de cerâmicas de Los Millares presentes no *Museo Arqueológico Nacional* em Madrid. Destacam-se sobretudo, deste lugar, 3 tipos de vasos estilo “copo”: 1. peças com decoração em botão e fundo côncavo, em clara baixa carena, partindo da respectiva carena verifica-se uma inclinação das paredes para o interior; a pasta é fina e de boa qualidade; 2. peças de paredes pouco sinuosas, sem decoração, as pastas são de qualidade média; 3. peças com abertura tipo flor de lótus junto ao bordo podendo ter, em alguns casos, decoração plástica em botões; as pastas são de pior qualidade.

As primeiras formas com decoração plástica e baixa carena têm, como já referi, as melhores pastas. Assemelhando-se, de um modo geral, aos grandes testos, também com boas pastas e tonalidades escuras e tão bem com decoração similar, embora estes últimos apresentem um maior número de botões junto à carena.

ximas à nossa fronteira, como na região de Huelva (Camalich, Martín e Arco, 1984) e Badajoz (Hurtado, 1995), e ainda na Meseta e Sudeste, conhecendo-se igualmente casos na Catalunha, Comunidade Valenciana e Madrid.

Todavia, devemos ter em conta – sobretudo nas formas de “copos” similares, com provável origem neolítica – que as estratigrafias e cronologias são, nestes casos, geralmente pouco esclarecedoras; já anteriormente tínhamos referido a existência de vários revolvimentos, principalmente em monumentos funerários com estratos do IV e III milénio a.n.e. O artefacto estilo “copo” tampouco desaparece dos arqueosítios, depois do seu apogeu no Calcolítico Inicial e existem evidências claras da sua continuidade, apesar de em menor número, até aos inícios do Calcolítico Final, no Zambujal (Kunst, 1996) e em Leceia (Cardoso e Soares, 1995); neste último podemos encontrar inclusivamente uma percentagem interessante de formas tipo copo com decoração em folha de acácia. Apesar do seu aparente desaparecimento no campaniforme – em Portugal temos casos de formas bem semelhantes de vasos de características cilíndricas (Cardoso, 2003: 131), bem como na vizinha Espanha (Harrison *et ali.*, 1976: fig. 15-16) – surgem de novo em força no Bronze (Spindler e Ferreira, 1974: abb. 18-19 e Martínez *et ali.*, 1983-84), coincidindo por vezes nos mesmos sítios arqueológicos, sobretudo cuevas e dólmenes.

Vimos, assim, que o simples facto destes artefactos surgirem em antas ou grutas não justifica necessariamente a sua antiguidade. É certo que, tecnicamente, os dólmenes são monumentos mais antigos, não obstante, a continuidade da sua ocupação e utilização decorre por um período muito

No caso dos vasos cilíndricos de paredes menos sinuosas, os mais similares aos “copos” da Estremadura, verifica-se que, em muitos casos, essas formas acabam por estar entre a cilíndrica e a das taças hemisféricas, isto é, apresentam paredes curvas e com diâmetros maiores que a altura; como sucede também com o caso anterior. Provavelmente a característica principal destes vasos de Los Millares – tanto os de carena baixa como os de paredes planas – será o facto de que o diâmetro seja quase sempre de maior dimensão, ficando, assim, com uma forma cilíndrica pouco estendida; existem outros casos, mas representam uma excepção, ao contrário do que sucede no centro de Portugal, onde existe uma forma mais próxima à de um copo cilíndrico. Mais que estas pequenas distinções formais, o que mais demarca estes vasos dos da Estremadura é a ausência de uma maior preocupação decorativa e, talvez, uma menor qualidade das pastas, factores que indicam uma atribuição de maior valor ou simbolismo às peças portuguesas.

extenso.

O fenómeno das formas tipo “copos” está intimamente ligado com o surgimento de novos elementos mágico-religiosos de finais do IV milénio a.n.e e inícios do III. Refiro-me, obviamente, aos ídolos cilíndricos e à extraordinária indústria votiva em osso e calcário que os acompanha. Estes elementos, bem conhecidos também do Calcolítico andaluz, surgem essencialmente associados a grutas artificiais, a *tholoi* e esporadicamente a grutas e antas, acreditando-se que estes últimos estariam já na sua fase final de abandono gradual, quando surgiram estes novos elementos simbólicos (Gonçalves, 2003: 78).

No Sul de Portugal, onde o horizonte dolménico é mais incisivo, denota-se ainda mais a separação entre o “mundo” dos dólmenes e o dos *tholoi*. Contudo, a separação entre Neolítico e Calcolítico, que é evidente e demarcada por estas duas “arquitecturas” – e, no mundo dos vivos, por uma mudança dos locais de estabelecimento dos vales para zonas de cota elevada e com boa visibilidade – não é tão notória nos artefactos. Existem vários factores, no âmbito da cultura material, que nos indicam que a transição de um período para o outro foi um processo gradual e com evidentes pontos em comum, isto é, sem um absoluto corte com o passado. Como referiu Victor Gonçalves, no seu último período, as placas de xisto – símbolo do mundo dolménico – passam a ter representações de olhos: aspecto tão característico do imaginário calcolítico do Sul peninsular (Idem, *ibid.*).

Esta nova concepção também se manifesta na cerâmica, onde inclusivamente também se pode verificar em formas tipo “copo” o caso mais conhecido é o do exemplar de Monte do Outeiro, com a representação dos olhos solares, o triângulo púbico e as tatuagens faciais, mas também existem outros casos, como a representação espelhada de báculos – que, como já referi, poderá ser a representação de uma cara – um elemento mágico-religioso do Neolítico Final/Calcolítico Inicial, verificado, por exemplo, no “copo” do dólmen EY de Montemor-o-Novo e do fragmento de parede e bordo de Serra de Éguas. Somos, assim, da opinião de que é pouco seguro afirmar que estas peças seriam neolíticas,

quando apresentam mais pontos em comum com o Calcolítico que com o Neolítico.

Verificamos igualmente, nestes recipientes, especialmente nos estremenhos, outras influências marcadamente calcolíticas, como seria o caso da indústria de osso contemporânea dos ídolos: nas falanges decoradas (normalmente de cavalo ou boi), que parecem inspirar-se ou inspirar a forma de alguns “copos”, devido ao seu estreitamento no corpo e alargamento nas extremidades. Também se encontram semelhanças com os próprios vasos cilíndricos em osso, que compartilham semelhanças quanto a alguma temática decorativa, como os axadrezados e espirais.

Contudo, não nos devemos olvidar que o copo canelado é fundamentalmente um artefacto característico dos povoados e, conseqüentemente, com pouca relevância no plano do post mortem. Podemos inclusivamente afirmar que a sua percentagem nos monumentos funerários seria a mesma que a dos ídolos cilíndricos e a sua “indústria adjacente” nos povoados, isto é, muito reduzida. Se exceptuarmos a região da Estremadura, as formas de vasos cilíndricos, em povoados do III e IV milénio a.n.e,



**Fig. 5** “Copo” com decoração simbólica do Monte do Outeiro (Arquivo Fotográfico do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid).

são pouco representativas; Perdígões, Montemor-o-Novo (Lagos *et al*, 1998), em Casa Branca, 7 em Serpa (Lopes, Carvalho e Gomes, 1998: 175), em Santa Justa, Faro (Gonçalves, 1989: 278), Cabezo Juré (Nácete *et al*, 2004) e Los Millares (Carrillero e Suárez, 1995, Leisner, 1961), são os melhores exemplos, mas todos eles inseridos em um “horizonte” calcolítico.

Temos os conhecidos exemplos das grutas de São Pedro do Estoril (Cascais), São Paulo (Almada), Furadoro de Rochaforte, Vale da Lapa (Cadaval), Carenque (Amadora), Praia das Maças e Serra de Éguas (Sintra),

Voltando à Estremadura, encontramos dois casos de povoados que apresentam, no seu registo estratigráfico, camadas neolíticas e calcolíticas – Parede e Leceia. Se queremos ser precisos, na realidade só o último nos permite obter, na prática, esse registo, devido ao mau aproveitamento arqueológico. Sem embargo, a Parede ficou para a história como um sítio destacado, praticamente com o mesmo estatuto de tesouro perdido, próximo ao de Vila Nova de São Pedro, devido à riqueza de cultura material do seu espólio. Sobre-nos, então, Leceia. Este povoado teve um trato mais cuidadoso, em parte devido ao labor apaixonado que lhe dedicou João Luís Cardoso e aos seus esforços de preservação do local. Nos seus estratos verifica-se a existência de uma camada anterior à construção do povoado fortificado, com a presença de cerâmica denteada e taças carenadas, num estrato anterior ao da construção das muralhas, onde, agora sim, surgem os “copos canelados”; (Silva, Soares e Cardoso, 1995: 161-162).

Na camada “neolítica”, ou camada 4 que, segundo Cardoso, está presente em todo o povoado onde a escavação desceu até ao nível geológico, directamente assente sobre esse mesmo nível, surgem os ditos artefactos do Neolítico Final. De sublinhar que, na opinião do autor, os habitantes do lugar, na camada 4, não foram os mesmos que construíram o lugar no Calcolítico (Cardoso, 2003: 13).

«Associada a esta fase cultural (neolítica) encontra-se apenas uma fase construtiva, representada por pequenos segmentos de muretes rectilíneos, de carácter habitacional; mas a maioria dos materiais

encontra-se em posição derivada, preenchendo as zonas mais deprimidas do substrato geológico onde naturalmente se acumularam. Tal significa que terá existido uma etapa de abandono do povoado entre os finais do IV milénio a.C.»

(Id. *ibid.*)

Aquando da nossa observação das peças de Leceia (publicadas por Cardoso, 2006), na Fábrica da Pólvora em Oeiras, encontrámos alguns fragmentos de “copos” (aproximadamente uma dezena) – prováveis infiltrações no estrato, se seguirmos o raciocínio de João Luis Cardoso – dentro desse grupo vimos dois sem decoração, com paredes mais grossas e pastas menos cuidadas, os quais foram publicados como sendo do Neolítico Final (Cardoso, Silva y Soares, 1996: fig. 35). Nos materiais de Vila Nova de São Pedro também encontrámos alguns fragmentos sem decoração, uns de dimensões razoáveis, permitindo inferir que existiria uma extensão da ausência de ornamentação a toda a peça, contudo, não se verificou uma grande diferença entre as pastas dos exemplares canelados. Para além de que é necessário ressaltar que, no caso particular deste sítio, as peças não podem ser enquadradas estratigraficamente. Estas situações de Leceia e Vila Nova de São Pedro são as mais próximas que podemos “identificar” com os “copos” simbólicos funerários.

Dentro deste quadro complexo, entendemos que se pode interpretar o fenómeno dos copos canelados de duas formas:

1. Trata-se de uma evolução dos “copos” com decoração simbólica, não obstante, e apesar de estarmos a colocar uns com uma maior antiguidade que outros, pensamos que ambos pertencem ao mesmo horizonte ou cultura, que advém dos ídolos cilíndricos; sublinhamos que se trata de uma evolução dentro dos mesmos padrões, sem uma evidente quebra de horizontes.

2. Surgem como contemporâneos dos simbólicos, mas com uma concepção ou imaginário distinto, variante de uma região. Os “copos” com decoração simbólica, existentes na Estremadura, seriam fruto de intercâmbios, quiçá com o Sul do país ou mesmo com a distante Andaluzia oriental, podendo

assim explicar-se o seu número reduzido em relação aos de decoração canelada e a sua convivência com os últimos em algumas jazidas, sobretudo nas de carácter funerário.

## **6. Discussão, ideias e novas perspectivas para o estudo dos “copos”**

Nesta primeira fase do nosso estudo, preocupámo-nos em rever a bibliografia e tentar preencher as lacunas existentes no que diz respeito aos copos canelados. Em primeiro lugar, procedeu-se à identificação dos locais onde estes estavam presentes, identificando-se um mapa da sua distribuição; em seguida, procurou-se estudar morfologicamente um número significativo de fragmentos, abarcando grande parte dos locais identificados; por fim, procedeu-se à investigação e comparação com outras formas similares presentes em outras regiões como, por exemplo, os vasos cilíndricos de Los Millares, entre outros, concluindo assim a sua demarcação à região estremenha.

Numa segunda fase, que já não cabe neste texto, e que concluirá com a tese de doutoramento, a apresentar no final deste ano em Madrid (final de 2010), estendeu-se o estudo dos copos canelados ao “pacote” da restante cerâmica de “importação”, ou melhor dito, cerâmica pré-campaniforme com decoração canelada e brunida, na qual se incluem outras formas, como as taças hemisféricas e os pratos com decoração interior.

Tendo em conta alguns dos principais trabalhos sobre as possibilidades de estudo em cerâmica (Rye, 1981; Shepard, 1985; Gibson e Woods, 1990; Orton, Tyers e Vince, 1993; Rice, 2005; Hurcombe, 2007) pudemos constatar que faltavam aspectos muito importantes na compreensão destas peças, nomeadamente, estudos: de caracterização mineralógica e química das pastas; de arqueologia experimental (Amaro e Anunciação, 2008/09 e 2010) e de propostas de produção e funcionalidades, usando comparações etnográficas (Amaro, 2008 e 2009). Aspectos sobre os quais temos vindo a trabalhar.

## Bibliografia

- AMARO, G., de C. e ANUNCIACÃO, C., A.; (2008/2009), "Reprodução experimental de cerâmicas pré-campaniformes y campaniformes del Calcolítico de la Extremadura portuguesa", *Boletim de Arqueologia Experimental*, (disponível em [www.uam.es/otros/baex](http://www.uam.es/otros/baex)).
- AMARO, G., de C., (2008), "Los 'copos canelados' como marcadores territoriales – una propuesta de interpretación de las decoraciones", *Revista Sapiens - História, Patrimônio e Arqueologia* [en línea] nº 0 pp. 5-23, (disponível em [www.revistasapiens.org](http://www.revistasapiens.org)).
- AMARO, G., de C., (2009), "A persistente ausência da análise etnográfica e experimental no estudo da cerâmica pré-histórica em Portugal, *Al madan online/Adenda Electrónica*, II série, nº 16, (disponível em [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)).
- BLANCE, B., (1959), "Cerâmica estriada" *Revista Guimarães*, nº 69, Barcelos, Publicações da Sociedade Martins Sarmento, pp. 459- 464.
- BLANCE, B., (1961), "Early Bronze Age colonist in Iberia", *Antiquity*, nº 35, Cambridge, pp. 192-202.
- BLANCE, B., (1971), *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel, Studien der Anfänge der Metallurgie (SAM) nº 4*, Berlin.
- BLANCE, B., (1994), "Cooper Age Colonies seen from the eightsies", *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7 – Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987, Lisboa, IPPAR, pp. 54-58.
- BUBNER, M., P., (1979) "Cerâmica de Importação na Estremadura Portuguesa" *Ethnos*, nº 8, Lisboa, pp. 31-85.
- CAMALICH, M., M.; MARTIN, S., D., y ARCO, A., C., (1984), "Aproximación al estudio de la cerámica Neolítica y Eneolítica de la provincia de Huelva, *Tabona*, nº 5, pp. 93-216.
- CAMALICH, M., MARTIN, S., D., (1986), "Las Excavaciones en el poblado de Campos", *Homenaje a Louis Siret*, CCJA, pp. 178-191.
- CARDOSO, J., L., (1994) "Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J., L., (1997), *O povoado de Leceia (Oeiras): sentinela do Tejo no terceiro milénio a. C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- CARDOSO, J. L., (2002), "As sociedades complexas do Calcolítico e Idade do Bronze", *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Verbo, pp.
- CARDOSO, J. L., (2003), *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português – síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L., (2003a), "A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº 11, Oeiras, CMO, pp. 25-84.
- CARDOSO, J., L. (2004), "O Calcolítico na Estremadura", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº 12, Oeiras, CMO, pp. 29 – 162.
- CARDOSO, J., L., y CARDOSO, G., (1993), "Carta Arqueológica do concelho de Oeiras", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº 4, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J., L.; CARREIRA, J., (2003), "O povoado Calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral). Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá", *Estudos de Arqueologia de Oeiras*, nº 11, pp. 87-228.
- CARDOSO, M., (1971), "Estação pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães)", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, pp. 239-260.
- CARRILLERO, M.; SUÁREZ, A. (1994), "Excavaciones arqueológicas en Ciavieja (El Egido, Almería), *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7 - Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das I jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987, Lisboa, IPPAR, pp. 199-215.
- CARVALHO, A., F., (1996), "O talhe de pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: Tecnologia e aspectos da organização da produção", *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, nº 3/4, Lisboa, Colibri, pp. 41-60.
- CHILDE, G., (1925), *The Dawn of European Civilization*, London, Cape.
- DELGADO, M., F., (1997), "El tránsito Neolítico-Calcolítico en las Subbéticas cordobesas" *Actas del II Congreso de Arqueologia Peninsular*, tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 177-184.
- DOMINGUEZ-RODRIGO, M. y MARTI, R., (1996), "Estudio Etno-arqueológico de un campamento temporal N'Dorobo (Masai) en Kalabu (Kenia)", *Trabajos de Prehistoria*, vol. 53, nº 2, Madrid, CSIC, pp. 131-143.
- FERREIRA, S., D., (2003), "Os copos no povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro" in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 6, nº 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 181-228.
- GAVILÁN, B., e VERA, C., (1989-1990), "La Edad del Cobre en el Alto Valle del Guadito (Tramo frente Obejana-Belmez, Córdoba): características de los asentamientos y evolución diacrónica" *Cuadernos de Prehistoria de Granada*, vol. 14-15, Universidad de Granada, pp. 137-155.
- GIBSON, A. e WOODS, A., (1990), *Prehistoric Pottery for the Archaeologists*, Leicester, Leicester University Press.
- GONÇALVES, J. L., (1979), "Os povoados Neo e Calcolíticos da península de Lisboa", *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, dir. Maria Soares, série III, nº 85, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp.137-162.
- GONÇALVES, J. L., (1991), "Cerâmica Calcolítica da Estremadura" *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 215- 226.
- GONÇALVES, V., S., (1989), *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 2 vols., Lisboa, INIC.
- GONÇALVES, V., S., (1990), "Sítios, 'Horizontes' e Artefactos: o caso da Parede (Cascais, Lisboa)", *Boletim Cultural do Município de Cascais*, nº 9, Mem-Martins, Câmara Municipal de Cascais. pp. 13-44.
- GONÇALVES, V., S., (1993), "Emergência e desenvolvimento das sociedades agro-metalúrgicas", *História de Portugal*, dir. João Medina, vol. I "Portugal na Pré-História, coord. Victor Gonçalves, Lisboa, Ediclube, pp. 183-211.
- GONÇALVES, V., S., (1992-1994), "Sítios, 'Horizontes' e Artefactos: 3. A questão das grutas artificiais e os complexos funerários de Alapraia e S. Pedro do Estoril no processo de Calcolitização do Centro/Sul de Portugal" *Boletim Cultural do Município de Cascais*, nº 11, Mem-Martins, Câmara Municipal de Cascais pp. 31-94.
- GONÇALVES, V., S., (2003), *Sítios, "Horizontes" e Artefactos. Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*, 2ª edição, Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- HURCOMBE, L., M., (2007) *Archaeological Artefacts as material culture*, London and New York, Routledge.
- HURTADO, V., P., (2000), "Los inicios de la complejización social y el campaniforme en Extremadura" *SPAL*, nº 8, (1999), Sevilla, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, pp. 47-83.
- INGOLD, T., (2005), *The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill*, 4th edition, London and New York, Routledge.
- JALHAY, E., e PAÇO, A., (1971), [1942], "El Castro de Vila Nova de San Pedro", *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*, vol. 2, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses,

pp.183-266.

JORGE, S. O. (1994), "Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular", *Revista da Faculdade de Letras*, nº15 série 2, Porto, pp. 447-545.

JORGE, V. O. e JORGE, S. O., (1994), "Arqueologia Portuguesa no século XX: alguns tópicos para um balanço", *Revista da Faculdade de Letras*, nº15 série 2, Porto, pp. 13-30.

KUNST, M., (1987), "Zambujal: Glockenbecher und kerbblat-terverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973", *Madridrer Beitrage*, 5, 2, Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern.

KUNST, M., (2005), "El campaniforme en Portugal. Breve resumen", *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*, coord. Manuel Rojo, Rafael Garrido y Iñigo Gomez, Valladolid, Universidad de Valladolid, Junta de Castilla y León

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A., F., (1998), "O Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 45 – 152.

LEISNER, G., (1945), "A Cultura Eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal", *Arqueologia e História*, 8ª série, nº1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses,

LEISNER, G. y LEISNER, V., (1951), *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura,

LEISNER, V., (1961), "Vasos eneolíticos decorados no interior", *Revista Guimarães*, vol. 71, nº 3-4, Guimarães, pp. 409-428.

LOPES, M.; CARVALHO, P.; GOMES, S., (1998), *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa.

NOCETE, F., (2004), "La ordenación espacio-temporal del registro arqueológico de Cabezo Juré, ODIEL (proyecto de investigación arqueológica para el análisis de la desigualdad social en el sureste de la Península Ibérica, *Arqueologia Monografias*, Junta de Arqueologia, pp. 129-232.

ORTON, C.; TYERS, P. y VINCE, A., (1993), *Pottery in Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press.

PAÇO, A., (1954), "Castro de Vila Nova de São Pedro: VI – Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950", *Revista Arqueologia e História*, 8ª série, nº 5, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses pp. 29 a 80.

PAÇO, A. (1959), "Castro de Vila Nova de S. Pedro. IX. - Nota sobre un tipo de cerâmica del estrato Vila Nova I", *Ampurias* nº 21, Barcelona, Museu d'Arqueologia de Catalunya pp. 252-260.

PAÇO, A.; SANGMEISTER, E., (1956) "Vila Nova de S. Pedro – eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal" *Germania*, vol 34, Franckfort, pp. 211-230.

PIGGOTT, S., (1947), "Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze" *Revista de Guimarães*, vol. LVII, pp. 139-152

RAMOS-MILLÁN, A., (1988), "La minería, la artesanía y el intercambio del sílex durante la Edad del Cobre en el Sudeste de la Península Ibérica" in *Studia Arqueologica*, nº 88 - Minerales y metales en la prehistoria reciente. Algunos testimonios de su explotación y laboreo en la Península Ibérica, Coord. Germán Delibes de Castro, Universidad de Valladolid, Valladolid,

RICE, P. M., (2005), *Pottery analysis: a sourcebook*, 2nd edition, Chicago, Chicago University Press.

RYE, S. O., (1981), *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*, Manuals on Archaeology, Vol. 4, Taraxacum Inc., Washington D.C.

SALANOVA, L., (2000), "Mecanismos de difusión des vasos campaniformes. Les liens franco-portugais", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 4, Porto, ADECAP, pp. 399-409.

SALANOVA, L., (2002), "Fabrication et circulation des céramiques campaniformes", *Matériaux, productions, circulations du Néolithique à l'Age du Bronze*, Séminaire du Collège de France, dir., Jean Guillaime, Paris, Editions Errance, pp. 151-168.

SANTOS, N., C., (1994), "Povoamento Calcolítico na Estremadura. Problemas da análise de distribuição espacial", *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7, Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das Iª jornadas de Torres Vedras, 3-5 de Abril de 1987, Lisboa, IPPAR.

SAVORY, H., (1983-84 [1959]) "Um corte através da fortificação interior do Castro Calcolítico de VNSP (1959)", trad. João Carlos de Senna-Martinez, *Clio Arqueologia*, nº 1, Lisboa, p. 28

SAVORY, H., N., (1974), *Espanha e Portugal*, trad. José Morais Arnaud, nº 14, Coleção História Mundi, Lisboa, Verbo.

SCHUBART, H., (1969), "Las fortificaciones Eneolíticas de Zambujal y Pedra do Ouro", *X Congresso de Arqueologia*, Zaragoza, pp.

SCHUBART, H., (1994) "As Escavações do Zambujal, retrospectiva e planificação", *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7 – Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das Iª jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987, Lisboa, IPPAR, pp. 17 -20.

SCHUBART, H.; SANGMEISTER, E., (1974/77) "Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal – Portugal 1972/73", *O Arqueólogo Português*, série III, vol 7/9, Lisboa,

SERRÃO, E., C., (1983), "A estação pré-histórica da Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas", *O Arqueólogo Português*, IV série, nº1, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 119-147.

SHEPARD, A., O., (1985), *Ceramics for the archaeologist*, 11th printing, Washington, D.C., Carnegie Institute of Washington.

SHERRATT, A., (1987), "Wool, wheels and ploughmarks: local developments or outside instructions in Neolithic Europe?", *Bulletin Inst. of Archeology*, nº 23, London , pp.1-15.

SILVA, C., T., (1990), "Influências orientalizantes do Centro e Sul de Portugal", *Revista de Estudos Orientais*, nº1, coord. António Augusto Tavares, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa FCSH, pp. 45-52.

SILVA, C., T., (1993), "Calcolítico", *Pré História de Portugal*, Universidade Lisboa, Aberta, pp. 197-293.

SILVA, C., T; SOARES, J., (1975) "Ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*, vols. I, Setúbal, Assembleia Distrital de Setúbal, pp. 53-154

SILVA, C., T; SOARES, J. y CARDOSO, J., L., (1994) "Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia", *Trabalhos de Arqueologia*, nº 7 - Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das Iª jornadas de Torres Vedras 3-5 de Abril 1987, Lisboa, IPPAR, pp. 159-168.

SOUSA, A., C., (1998), *O Neolítico Final e o Calcolítico na área de Ribeira de Cheiros*, Trabalhos de Arqueologia nº 11, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

SPINDLER, K., (1976), "Die neolithische Parede Gruppe in MitterPortugal" *Madridrer Mitteilungen*, nº 17, Madrid, DAI.

SPINDLER, K., (1981), "Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Kuestengebietes Mittelportugals vom Neolithikum bis das Ende der Bronzezeit", *Madridrer Beitrage*, 7. Mainz am Rhein, Verlag Philipp von Zabern.

FERREIRA, S., D., (2001), [policopiado]. Os copos no povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro – tese de licenciatura apresentada no ano de 2000/01 na FCSH da UNL.

SOARES, J., (2003), Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico, Setúbal, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Assembleia Distrital de Setúbal.





# Arqueologia & História